

A MEMÓRIA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E SUAS IMPLICAÇÕES POLÍTICAS NA RÚSSIA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Giovanna Bem Borges¹

RESUMO: A Segunda Guerra Mundial é um dos acontecimentos mais estudados do século XX e continua exercendo um impacto significativo no leste europeu até os dias de hoje, especialmente na Rússia. Nesse sentido, o objetivo desse artigo é discutir em linhas gerais como foi gestada a memória da Segunda Guerra Mundial na antiga União Soviética e como essa memória continua a ser transformada e instrumentalizada pelos conflitos políticos da região, sobretudo na Rússia. Para isso, será feita uma breve retomada histórica de como a memória nacional passou a ser mediada pela intervenção estatal, ainda durante a guerra, e algumas transformações que ela sofreu ao longo dos anos, principalmente a partir do enfoque de gênero. Em suma, faz-se necessária uma visão crítica a respeito do tipo de narrativa “oficial” propagada, com o intuito de fomentar o debate e oferecer uma perspectiva mais democrática e com mais nuance sobre os acontecimentos em questão.

Palavras-chave: memória; Segunda Guerra Mundial; União Soviética; Rússia.

THE MEMORY OF THE SECOND WORLD WAR AND ITS POLITICAL IMPLICATIONS IN CONTEMPORARY RUSSIA FROM THE GENDER PERSPECTIVE

ABSTRACT: World War II is one of the most studied events of the 20th century and continues to have a significant impact on Eastern Europe to this day, especially in Russia. In this sense, the aim of this article is to discuss in general lines how the memory of the Second World War was created in the former Soviet Union and how this memory continues to be transformed and instrumentalized by the political conflicts in the region, especially in Russia. For this, a brief historical review will be made of how the national memory came to be mediated by state intervention, still during the war, and some transformations that it underwent over the years, mainly from the gender perspective. In short, a critical view of the type of “official” narrative propagated is necessary, with the aim of fostering debate and offering a more democratic and nuanced perspective on the events in question.

Keywords: memory; World War II; Soviet Union; Russia.

LA MEMORIA DE LA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL Y SUS IMPLICACIONES POLÍTICAS EN LA RUSIA CONTEMPORÁNEA DESDE LA PERSPECTIVA DE GÉNERO

RESUMEN: La Segunda Guerra Mundial es uno de los eventos más estudiados del siglo XX y continúa teniendo un impacto significativo en Europa del Este hasta el día de hoy, especialmente en Rusia. En este sentido, el objetivo de este artículo es discutir en líneas generales cómo se formó la memoria de la Segunda Guerra Mundial en la ex Unión Soviética y cómo esta memoria sigue siendo transformada e instrumentalizada por los conflictos políticos en la región, especialmente en Rusia. Para ello, se hará una breve reseña histórica de cómo la memoria nacional llegó a estar mediatizada por la intervención estatal, incluso durante la guerra, y algunas transformaciones que sufrió a lo largo de los años, principalmente desde el enfoque de género. En definitiva, es necesaria una mirada crítica al tipo de narrativa “oficial” que se propaga, para fomentar el debate y ofrecer una perspectiva más democrática y matizada de los hechos en cuestión.

¹ Mestranda em Ciências Sociais pela UNESP-Marília, especialista em História da Guerra pela Faculdade Dom Alberto (2022) e bacharela em Ciências Sociais pela UFMS (2020). E-mail: giovannabem.gbb@gmail.com.

Palabras-clave: memória; II Guerra Mundial; União Soviética; Rússia.

Introdução

A Segunda Guerra Mundial é um dos acontecimentos mais estudados do século XX. Porém, a maior parte do que sabemos sobre a guerra foi escrito por homens, sobre homens e para homens, que a consideram implícita ou explicitamente como um fenômeno inerentemente masculino². Nessa perspectiva, o trabalho de Svetlana Aleksievitch é importante porque ela foi uma das primeiras autoras a questionar a visão majoritariamente masculina que se tinha sobre a Segunda Guerra Mundial. Em “A Guerra Não Tem Rosto de Mulher”, publicado originalmente em 1985, a jornalista bielorrussa entrevistou centenas de mulheres que serviram nas forças armadas soviéticas e produziu um relato praticamente inédito utilizando técnicas de colagem para produzir uma obra nas fronteiras entre o trabalho documental e o literário. Nas suas palavras,

Já aconteceram milhares de guerras – pequenas e grandes, famosas e desconhecidas. E o que se escreveu sobre elas é ainda mais numeroso. Mas... foi escrito por homens e sobre homens, isso ficou claro na hora. Tudo o que sabemos da guerra conhecemos por uma “voz masculina”. Somos todos prisioneiros de representações e sensações “masculinas” da guerra. Das palavras “masculinas”. Já as mulheres estão caladas. [...] Até as que estiveram no front estão caladas. Se de repente começam a lembrar, contam não a guerra “feminina”, mas a “masculina”. Seguem o cânone. E só em casa, ou depois de derramar alguma lágrima junto às amigas do front, elas começam a falar da sua guerra, que eu desconhecia³.

Cerca de 1 milhão de mulheres serviram nas forças militares soviéticas, dentre as quais pelo menos metade atuaram diretamente em combate, embora nem sempre fosse possível fazer essa distinção de forma clara⁴. Entretanto, ainda que a participação feminina no conflito tenha sido utilizada pela propaganda como evidência de quão emancipadas fossem as condições sociais na União Soviética, que havia declarado ainda nos anos 1930 que a “questão histórica da mulher foi resolvida”⁵, na prática a situação era bem diferente, já que quanto mais perto do fim da guerra, mais a imagem da médica e da enfermeira ganharam destaque na propaganda estatal, substituindo cada vez mais a antiga imagem da heroína militarizada, de modo que

² ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A Guerra Não Tem Rosto de Mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

³ ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A Guerra Não Tem Rosto de Mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 11-12.

⁴ MENEGOTTO, Fernanda. A Face Feminina da Guerra: Svetlana Aleksievitch e Elizabeth Wein. **Versalete**, Curitiba, v. 6, n. 10, p. 116-139, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol6-10/7%20A%20face%20feminina.%20Fernanda%20Menegotto.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2022.

⁵ SENNA, Thaiz Carvalho. A Questão Feminina na Rússia, *[S. l.]*, v. 4, n. 7, fev. 2017, p. 262. Disponível em: <http://www.nieparx.blog.br/revistadoniep/index.php/MM/article/view/180>. Acesso em: 07 mar. 2022.

A MEMÓRIA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E SUAS IMPLICAÇÕES POLÍTICAS NA RÚSSIA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO

“quanto mais distantes do combate as mulheres estivessem durante a guerra, mais elas foram valorizadas ao seu fim”⁶.

Essa preocupação está diretamente relacionada com o interesse político em reabilitar a imagem das mulheres enquanto mães e donas de casa, promovendo um retorno à “normalidade” e a uma ordem de gênero mais conservadora. Assim, enquanto os homens voltaram para casa como heróis nacionais, as mulheres foram alvo de diversos estigmas, de forma que sua guerra permaneceu em grande medida desconhecida, já que a “verdadeira” guerra era a contada por homens⁷. Nesse sentido, como Jélin aponta, o silêncio pode ser uma forma de se reinserir no mundo da vida “normal”, expressar uma dificuldade de alinhar o testemunho com as normas morais vigentes ou ainda evidenciar a ausência de condições sociais favoráveis para que alguém escute esse testemunho⁸, já que toda memória coletiva sempre é alvo de disputas políticas entre os diversos grupos que estão presentes nessa sociedade, porque a memória representa um projeto de poder e de sociedade na medida em que diz respeito aos sujeitos que são representados, como são representados etc.⁹

Desse modo, a guerra nos oferece uma perspectiva interessante porque na medida em que a cidadania foi gestada a partir de princípios militares, ela está barrada a diversos grupos marginalizados, como mulheres, pessoas LGBTQIAPN+, pessoas não brancas, entre outras, o que dá a impressão de que essas pessoas não atuam como agentes e sujeitos históricos¹⁰. Entretanto, mesmo sob esses parâmetros, é possível ver que esse não é o caso, e a análise de grupos marginalizados coloca em questão a suposta “neutralidade” dessa sociedade – no caso em questão, problematizar a identidade monolítica soviética implica também problematizar a ideia de nação única e os diferentes símbolos disputados por diversos grupos até hoje.

Como Anderson coloca, toda nacionalidade é imaginada no sentido de que define uma comunidade política ao mesmo tempo que necessariamente limitada, soberana, que constituem objetos de desejo e projeções para o futuro¹¹. Assim, ela é construída, selecionada, tem determinados aspectos suprimidos ou enfatizados, enfim, define uma identidade mais ou menos

⁶ MENEGOTTO, Fernanda. A Face Feminina da Guerra: Svetlana Aleksievitch e Elizabeth Wein. **Versalete**, Curitiba, v. 6, n. 10, jan./jun. 2018, p. 119. Disponível em: <http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol6-10/7%20A%20face%20feminina.%20Fernanda%20Menegotto.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2022.

⁷ ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A Guerra Não Tem Rosto de Mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

⁸ JÉLIN, Elizabeth. **Los Trabajos de la Memoria**. Madrid: Siglo XXI, 2002.

⁹ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

¹⁰ MONTE, Izadora Xavier do. **Gênero e Relações Internacionais: uma crítica ao discurso tradicional de segurança**. 2010. 146 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

¹¹ ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

coesa e comunitária que define um “nós” claro com um passado compartilhado. Dessa forma, “pauta-se pela ideia de que é preciso fazer do novo, antigo, bem como encontrar naturalidade num passado que, na maioria das vezes, além de recente não passa de uma seleção, com frequência consciente”¹². Nesse sentido,

[...] tudo surge sob nova luz a partir de uma lente que desfoca identidades que parecem homogêneas e estabilizadas e demonstra como estas podem ser híbridas. Com efeito, [...] a partir do momento em que a nação é imaginada, ela é, então, modelada, adaptada e transformada¹³.

Nesse sentido, o objetivo desse artigo é discutir em linhas gerais como foi gestada a memória da Segunda Guerra Mundial na antiga União Soviética e como essa memória continua a ser transformada e instrumentalizada pelos conflitos políticos da região, sobretudo na Rússia. Para isso, será feita uma breve retomada histórica de como a memória nacional passou a ser gestada e mediada pela intervenção estatal, ainda durante a guerra, e algumas transformações que ela sofreu ao longo dos anos. Por fim, discutiremos em linhas gerais como essa memória tem sido utilizada e disputada nos últimos anos, assim como sua influência nos recentes conflitos dentre os países bálticos.

A construção simbólica da memória nacional

De acordo com Mann¹⁴, assim que a Alemanha invadiu a URSS em 1941, a propaganda estatal buscou relacionar o destino geral da população ao destino do Estado, produzindo dessa forma o alicerce para o que o autor chama de “culto da Grande Guerra Patriótica” – como até hoje o conflito é conhecido na Rússia e região. Segundo o autor, esse “culto” foi então “completamente higienizado, desenvolvido, e cooptado pelo Estado para servir a múltiplos objetivos políticos e sociais, enquanto substituiu e se entrelaçou com as memórias individuais dos veteranos”¹⁵. Nessa perspectiva, pode-se notar as relações de poder e a mediação do Estado sobre a memória coletiva da guerra pois havia uma rígida fiscalização sobre o que era publicado

¹² SCHWARCZ, Lilia. Imaginar é difícil (porém necessário). In: ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 10

¹³ SCHWARCZ, Lilia. Imaginar é difícil (porém necessário). In: ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 14.

¹⁴ MANN, Yan. (Re)cycling the Collective Memory of the Great Patriotic War. **The Journal of Slavic Military Studies**, Philadelphia, v. 33, n. 4, mar. 2020.

¹⁵ MANN, Yan. (Re)cycling the Collective Memory of the Great Patriotic War. **The Journal of Slavic Military Studies**, Philadelphia, v. 33, n. 4, mar. 2020, p. 508-509, tradução nossa.

A MEMÓRIA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E SUAS IMPLICAÇÕES POLÍTICAS NA RÚSSIA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO

sobre o conflito, de forma que tudo que escapava da versão higienizada promovida pelo Estado era banido ou tinha que se enquadrar à narrativa estatal¹⁶.

Embora tenha sofrido cada vez mais alterações com o passar dos anos, no geral a narrativa continuou sendo propagandeada sob os mesmos moldes, mas é sob a administração de Brezhnev, que governou a URSS de 1964 a 1982, que o conflito adquire um caráter quase sagrado com a reconfiguração das representações heroicas da guerra – que já eram populares desde o período stalinista – em um “culto” mais coeso e coerente. Dessa forma, os momentos mais difíceis da guerra em 1941 quando a Alemanha invadiu a União Soviética, inicialmente vistos como um fracasso militar e logístico, passaram então a ser retratados como o primeiro passo para a inevitável derrota alemã. Nas palavras de Mann, “o que eram anteriormente consideradas derrotas soviéticas foram remodeladas como representações do generoso heroísmo do Exército Vermelho”¹⁷.

Essas narrativas heroicas enfatizavam seu caráter supra étnico e socialista, destacando tanto a bravura e a coragem do povo soviético como sua irmandade, mas o que Direnberger¹⁸ nos mostra é que havia um “russocentrismo” claro nesses discursos que assumiam a perspectiva da população russa como universal (especialmente de homens russos) em detrimento de outros povos e etnias, utilizando-a como sinônimo da identidade “soviética”. Assim, é colocado implicitamente que o heroísmo seria uma característica intrínseca aos soldados russos, enquanto os não-russos raramente eram mencionados pela narrativa soviética, restritos na maior parte dos casos a uma audiência específica, quando a propaganda intencionava estimular as audiências nacionais ao “heroísmo nacional”¹⁹.

Isso pode ser percebido pela escolha de palavras: os soldados russos são referidos como “defensores”, “libertadores” e semelhantes, enquanto outras etnias são quase sempre mencionadas na voz passiva como “libertos”, “emancipados” ou povos que precisam ser “salvos”. Embora a autora considere que é importante o recorte de gênero na medida em que esse tipo de representação privilegie essencialmente homens, ela diz que

¹⁶ MANN, Yan. (Re)cycling the Collective Memory of the Great Patriotic War. *The Journal of Slavic Military Studies*, Philadelphia, v. 33, n. 4, mar. 2020.

¹⁷ MANN, Yan. (Re)cycling the Collective Memory of the Great Patriotic War. *The Journal of Slavic Military Studies*, Philadelphia, v. 33, n. 4, mar. 2020, p. 511, tradução nossa.

¹⁸ DIRENBERGER, Lucia. Representations of Armed Women in Soviet and Post-Soviet Tajikistan: Describing and Restricting Women’s Agency. *The Journal of Power Institutions in Post-Soviet Societies*, [S. l.], v. 17, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pipss/4072>. Acesso em: 23 mar. 2023.

¹⁹ DIRENBERGER, Lucia. Representations of Armed Women in Soviet and Post-Soviet Tajikistan: Describing and Restricting Women’s Agency. *The Journal of Power Institutions in Post-Soviet Societies*, [S. l.], v./n. 17, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pipss/4072>. Acesso em: 23 mar. 2023

Pesquisadores que analisaram a construção generificada da memória estatal da Segunda Guerra Mundial concordam que é uma memória centrada em homens. As narrativas soviéticas centrais dos campos de batalha da Segunda Guerra são baseadas nas narrativas de heróis masculinos de guerra. Como sujeitos indisciplinados ou desordeiros, violando as expectativas normativas de gênero, mulheres guerreiras foram negligenciadas por décadas pela narrativa dominante da história soviética. Entretanto, soldadas russas foram reabilitadas pela narrativa central da Grande Guerra Patriótica durante o período de Brezhnev. Mas essa reabilitação focou principalmente em mulheres russas, e mulheres de minorias étnicas continuaram na maior parte invisíveis²⁰.

Ainda que a “reabilitação” que a autora menciona seja condicional e apenas em contextos específicos, é importante o recorte étnico na medida em que ele explicita o conflito entre o centro e a “periferia” da URSS, na qual os povos não-russos não possuíam direito de autodeterminação e frequentemente eram tratados de forma orientalista, como sociedades atrasadas que precisavam ser modernizadas e “emancipadas” pela burocracia soviética²¹. Nesse contexto, embora a maior parte da narrativa nas repúblicas também sejam centradas em homens, Direnberger aponta que em muitos casos as mulheres possuíam uma margem de liberdade maior para contar suas histórias e memórias em seus próprios termos, enfatizando sua igualdade, agência e suas capacidades para defender seus próprios direitos²². Assim,

Ao contrário de diferentes representações nacionais e estatais de mulheres armadas, a participação das mulheres no conflito armado não foi considerada desviante, mas um fator positivo na defesa da pátria-mãe, mesmo depois do conflito [...] ainda que homens sejam usualmente representados como os protetores das mulheres contra os agressores, as narrativas locais soviéticas representavam mulheres armadas tajuque protegendo seus direitos por si mesmas²³.

Como a autora aponta, essa “margem” pode ser explicada na medida em que a guerra representou o evento propício para criar uma identidade soviética coletiva para a URSS e nesse sentido, a propaganda até algum ponto celebrava e incentivava os esforços individuais e

²⁰ DIRENBERGER, Lucia. Representations of Armed Women in Soviet and Post-Soviet Tajikistan: Describing and Restricting Women’s Agency. **The Journal of Power Institutions in Post-Soviet Societies**, [S. l.], v. 17, 2016, p. 03, tradução nossa. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pipss/4072>. Acesso em: 23 mar. 2023.

²¹ GRADSKOVA, Yulia. Emancipation at the Crossroads Between the ‘Woman Question’ and the ‘National Question’. In: ILIC, Melanie (Org.). **The Palgrave Handbook of Women and Gender in Twentieth-Century Russia and the Soviet Union**. Londres: Palgrave Macmillan, 2018.

²² DIRENBERGER, Lucia. Representations of Armed Women in Soviet and Post-Soviet Tajikistan: Describing and Restricting Women’s Agency. **The Journal of Power Institutions in Post-Soviet Societies**, [S. l.], v. 17, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pipss/4072>. Acesso em: 23 mar. 2023.

²³ DIRENBERGER, Lucia. Representations of Armed Women in Soviet and Post-Soviet Tajikistan: Describing and Restricting Women’s Agency. **The Journal of Power Institutions in Post-Soviet Societies**, [S. l.], v. 17, 2016, p. 05, tradução nossa. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pipss/4072>. Acesso em: 23 mar. 2023.

A MEMÓRIA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E SUAS IMPLICAÇÕES POLÍTICAS NA RÚSSIA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO

coletivos necessários para a construção da sociedade soviética²⁴. Dessa forma, as mulheres de minorias étnicas eram vistas como agentes privilegiadas para mobilização e construção da influência do Partido no interior e nas demais repúblicas, como as mais interessadas na emancipação humana dos velhos costumes.

Contudo, ainda que a substituição da história da guerra pela história da Vitória, como Aleksiévitich coloca²⁵, tenha servido majoritariamente a interesses políticos, não é possível afirmar que essa narrativa foi imposta exclusivamente a partir do Estado. Os veteranos, convidados a compartilhar suas memórias e experiências em palestras e entrevistas em museus, escolas e cerimônias públicas, foram beneficiados por esse tipo de visão que destacava sua coragem e força, criando e reforçando uma autoimagem heroica que Mann²⁶ considera ter sido em alguma medida terapêutico, já que a história contada sobre a guerra era muito mais atraente do que a guerra em si.

O autor também menciona que quanto mais distantes temporalmente se tornaram do conflito, mais insistentes se tornaram a defesa desses tipos de mitos, atribuindo a eles um significado político cada vez maior²⁷, de forma que Lolua diz que a Segunda Guerra Mundial ocupou uma espécie de “história de origem” e mito fundador da União Soviética, ao lado da revolução de 1917²⁸. Por isso, quando Aleksiévitich começou em 1978 a pesquisa que mais tarde resultaria em “A guerra não tem rosto de mulher”, ela conta que encontrou incontáveis empecilhos, tanto com a censura como com a população geral. A jornalista relata que quando ela explicava o intuito do livro, frequentemente ela ouvia comentários do tipo: “Por acaso falta homem para isso? Para que você quer essas histórias de mulher? Fantasias de mulher...”²⁹ a partir do que ela conclui: “Os homens tinham medo de que elas não contassem direito a guerra”³⁰. Existe, portanto, uma tensão entre a versão “correta” da história, caracterizada pelo seu aspecto factual, por documentos e testemunhos oficiais, e as “fantasias de mulher”, que no

²⁴ DIRENBERGER, Lucia. Representations of Armed Women in Soviet and Post-Soviet Tajikistan: Describing and Restricting Women’s Agency. *The Journal of Power Institutions in Post-Soviet Societies*, [S. l.], v. 17, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pipss/4072>. Acesso em: 23 mar. 2023.

²⁵ ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A Guerra Não Tem Rosto de Mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

²⁶ MANN, Yan. (Re)cycling the Collective Memory of the Great Patriotic War. *The Journal of Slavic Military Studies*, Philadelphia, v. 33, n. 4, mar. 2020.

²⁷ MANN, Yan. (Re)cycling the Collective Memory of the Great Patriotic War. *The Journal of Slavic Military Studies*, Philadelphia, v. 33, n. 4, mar. 2020.

²⁸ LOLUA, Ana. *Representation of Women in the Exhibitions Dedicated to the Great Patriotic War: the late socialist period in Georgia*. Tbilisi: Heinrich Boell Foundation, 2020.

²⁹ ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A Guerra Não Tem Rosto de Mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 21.

³⁰ ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A Guerra Não Tem Rosto de Mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 21.

geral privilegiavam elementos mais particulares que os homens não consideravam importantes. Como Jélin coloca,

A experiência direta e a intuição indicam que mulheres e homens desenvolvem habilidades diferentes no que concerne à memória. Na medida em que a socialização de gênero implica prestar mais atenção a certos campos sociais e culturais que outros e definir identidades ancoradas mais em certas atividades que em outras (trabalho ou família, por exemplo), é de esperar uma correlação entre as práticas da recordação e da memória narrativa. [...]. As mulheres tendem a se lembrar da vida cotidiana, da situação econômica da família, [...] o que acontecia em seus bairros e comunidades, seus medos e sentimento de insegurança. Recordam no marco das relações familiares, porque o tempo subjetivo das mulheres está ligado e organizado aos fatos reprodutivos e aos vínculos afetivos³¹.

Nessa perspectiva, o testemunho seria uma experiência inerentemente generificada na medida que homens e mulheres desenvolvem práticas diferentes em relação às suas memórias, em relação a quanto, quando e como torná-las públicas³². Desse modo, uma narrativa mais subjetiva, baseada na experiência e não no fato é menosprezada, porque como Benjamin³³ aponta, a lógica da narrativa é oposta à lógica factual que foi e continua a ser valorizada pelos meios de comunicação. Nesse sentido, Passerini destaca que uma possível explicação para que “a narração das mulheres enfatize particularmente essa sequência de conexões entre o fantástico e o literário ou filmico”³⁴, é que de modo geral historicamente as mulheres foram admitidas na esfera pública pela dimensão da arte e do espetáculo, o que “deixou traços no imaginário e, especialmente, no modo de se autorrepresentar, acentuado em acontecimentos envolvendo grande tensão”³⁵.

Dessa forma, as memórias de grupos marginalizados, que não encontram espaço nessa História nacional, só podem aparecer na forma de literatura, depoimentos e testemunhos como contraponto à História “oficial”³⁶. Por isso a importância da oralidade e da história oral: Pollak considera que por favorecer sujeitos tradicionalmente excluídos e marginalizados, a história oral ressalta o aspecto opressivo, hegemônico e destruidor da memória coletiva nacional³⁷. Assim, ao encontrar maneiras de relatarem suas vivências, esses grupos marginalizados

³¹ JÉLIN, Elizabeth. **Los Trabajos de la Memoria**. Madrid: Siglo XXI, 2002, p. 107-108, tradução nossa.

³² JÉLIN, Elizabeth. **Los Trabajos de la Memoria**. Madrid: Siglo XXI, 2002.

³³ BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

³⁴ PASSERINI, Luisa. **A memória entre a política e a emoção**. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 52.

³⁵ PASSERINI, Luisa. **A memória entre a política e a emoção**. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 52.

³⁶ GONÇALVES, Joyce. Lembranças de mulheres em armas: relatos memorialísticos sobre o front. **Literatura e Autoritarismo**, [S. l.], n. 23, mai. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/42448>. Acesso em: 20 jul. 2022.

³⁷ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

A MEMÓRIA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E SUAS IMPLICAÇÕES POLÍTICAS NA RÚSSIA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO

desafiam o esquecimento histórico ao qual foram impostos, de modo que a própria memória entra em disputa. É nesse contexto que Passerini indica que “[...] a história de gênero e a história oral caminharam de mãos dadas na ampliação do território da História e na renovação de seus objetos e métodos de estudo”³⁸.

Nesse sentido, cabe mais uma vez ressaltar a importância do trabalho de Aleksievitch, pois, ao desconstruir “a imagem convencional da guerra, que geralmente é delineada como um grande evento histórico, político, de nacionalismo exaltado, e contempla[r] as narrativas individuais que, não raro, contestam as versões oficiais dos documentos históricos”³⁹, a jornalista contribuiu para uma reflexão crítica sobre um fenômeno cuja memória ainda está em disputa hoje na Rússia contemporânea. Portanto, é preciso questionar como essa história está sendo contada e que tipo de narrativa e sujeitos ela privilegia. Como a autora conta,

O que fica gravado na memória, mais do que tudo? Lembro de uma voz humana baixa, muitas vezes atônita. Uma pessoa que experimenta o espanto diante de si mesma, diante do que aconteceu com ela. O passado desapareceu, foi ofuscado por um turbilhão quente e se escondeu, mas a pessoa ficou. Ficou em meio à vida cotidiana. Tudo ao seu redor é costumeiro, menos a memória. Eu também me transformo em testemunha. Testemunha daquilo que as pessoas se lembram, e de como se lembram, do que querem falar, e do que tentam esquecer ou afastar para o canto mais distante da memória. Fechar a cortina. De como elas se desesperam na busca pelas palavras, e mesmo assim querem reconstituir o que desapareceu, na esperança de que a distância permita captar o sentido completo do passado. Ver e entender o que não viram e o que não entenderam na época. Lá, examinam a si mesmas, se reencontram de novo. Muitas vezes já são duas pessoas – aquela e essa, uma jovem e uma velha. A pessoa durante a guerra e a pessoa depois da guerra. Bem depois da guerra. Sou o tempo todo tomada pela sensação de que estou escutando duas vozes ao mesmo tempo⁴⁰.

Portanto, pode-se indagar: quais vidas são consideradas dignas de relato, de memória, e quais vidas são destinadas ao silêncio e ao esquecimento? Considerando que historicamente a atividade de autorreflexão foi um privilégio de uma pequena parcela da sociedade da qual a maior parte da população foram excluídos, é preciso problematizar então que tipo de narrativa é predominante na sociedade e que tipos de valores e que tipo de sujeito elas privilegiam⁴¹. Pensando nessa perspectiva, os próximos tópicos serão dedicados a explorar mais os conflitos

³⁸ PASSERINI, Luisa. **A memória entre a política e a emoção**. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 99.

³⁹ GONÇALVES, Joyce. Lembranças de mulheres em armas: relatos memorialísticos sobre o front. **Literatura e Autoritarismo**, [S. l.], n. 23, mai. 2020, p. 64.

⁴⁰ ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A Guerra Não Tem Rosto de Mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 179.

⁴¹ LEÃO, Andréa; PAIVA, Antonio. Figurações de sobrevivência em Primo Levi: diálogos com Norbert Elias. **Literatura e Sociedade**, [S. l.], v. 35, n. 32, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/lr/article/view/177048>. Acesso em: 20 jul. 2022.

políticos em torno da guerra a partir do final dos anos 1980 até a contemporaneidade com a ascensão de Putin no cenário político russo e como a memória da guerra é instrumentalizada para seu projeto de poder.

A memória como projeto de poder

Como Morozov aponta, a memória da Segunda Guerra tem sido um ponto fulcral na identidade nacional dos países bálticos desde o fim da Guerra Fria, sobretudo pela denúncia do Pacto Molotov-Ribbentrop, assinado em 1939 como um tratado de não-agressão com a Alemanha nazista com o propósito de estabelecer zonas de influência alemãs e soviéticas em países como Polônia, Lituânia, Letônia, Estônia, Finlândia e Romênia, com a Polônia e seus aliados de um lado e a Rússia de outro⁴². A disputa, que se iniciou ainda nos anos 1970 por influência dos mecanismos públicos mais rígidos de rememoração nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, começou a se tornar cada vez mais acirrada a partir dos anos 2000 com a interferência estatal cada vez mais presente que culminou na regulação legislativa e até mesmo na criminalização de determinadas narrativas,⁴³ coincidindo com a política externa cada vez mais agressiva de Putin⁴⁴.

A explicação para isso é que como Nikitina coloca, “‘guerras de memória’ não são sobre o passado; elas são sobre o presente e, ainda mais, sobre o futuro. Então quando políticos russos falam sobre 1945 ou 1939, eles na verdade querem dizer 1991 ou 2024, o que definitivamente torna o assunto pessoal”⁴⁵. Nesse sentido, a “Grande Guerra Patriótica” volta a ocupar um papel importante na política do leste europeu nos últimos anos, especialmente na Rússia, na medida em que representa o maior evento histórico unificador para a sociedade russa e é utilizado como representação simbólica para os conflitos históricos da região⁴⁶. Dessa forma,

Após o colapso da URSS em 1991 e o abandono da ideologia comunista, o Estado inicialmente descartou as políticas simbólicas. Entretanto, o fracasso de um aparato político e administrativo eficaz nos anos 1990, a presença de dificuldades econômicas e as crescentes divisões internas na sociedade russa

⁴² MOROZOV, Viacheslav. Institutionalizing National Memories: The Baltic Sea Region and World War II. **The Journal of Slavic Military Studies**, Philadelphia, v. 33, n. 4, mar. 2020.

⁴³ MOROZOV, Viacheslav. Institutionalizing National Memories: The Baltic Sea Region and World War II. **The Journal of Slavic Military Studies**, Philadelphia, v. 33, n. 4, mar. 2020.

⁴⁴ BERNSTEIN, Seth. Remembering war, remaining Soviet: Digital commemoration of World War II in Putin’s Russia. **Memory Studies**, [S.l.], v. 9, n. 4, jul. 2016.

⁴⁵ NIKITINA, Yulia. Past Memories, Future Memories: Race Against History. **The Journal of Slavic Military Studies**, Philadelphia, v. 33, n. 4, mar. 2020, p. 514, tradução nossa.

⁴⁶ KURILLA, Ivan. Reusing Soviet History Books: The Role of World War II in Russian Domestic Politics and Academia. **The Journal of Slavic Military Studies**, Philadelphia, v. 33, n. 4, mar. 2020.

A MEMÓRIA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E SUAS IMPLICAÇÕES POLÍTICAS NA RÚSSIA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO

resultaram em um vácuo político e ideológico, já que muitos russos se sentiram sem direção. De certa forma, as circunstâncias extraordinárias dos anos 1990 demandaram a invenção de uma nova “ideia nacional”⁴⁷.

Nesse sentido, a memória da guerra surge então como uma espécie de atalho para estimular o patriotismo russo, criando uma união e coesão nacional na medida em que emprestam legitimidade para o regime político que se declara em alguma medida seu sucessor. Como Mann⁴⁸ analisa,

[...] a administração de Vladimir Putin transformou a Segunda Guerra Mundial em uma fonte pronta de patriotismo, enfatizando ideias familiares para a maior parte da população que giram em torno de unidade nacional, luta e perseverança. Tentativas de desafiar a memória coletiva da guerra foram vistas como “um insulto pessoal, um sacrilégio”. A narrativa geral da guerra continua a girar em torno de binários simplistas e temas familiares sobre o excepcionalismo russo, o heroísmo altruísta e a vitimização, o que inibe historiadores russos de oferecer estudos mais objetivos e com mais nuance sobre os anos da guerra.

Dessa forma, como Wood⁴⁹ aponta, desde os anos 2000 Putin repetidamente se colocou como o defensor e o salvador da “pátria-mãe”, enfatizando inúmeras vezes sua conexão pessoal com a guerra através do sacrifício de seu pai e comparando-o com o sacrifício geral do povo russo, criando assim uma ligação entre sua história de vida pessoal com o destino da nação. Essa conexão é sempre reafirmada através de desfiles militares e comemorações cada vez mais grandiosas no dia da Vitória, e profundamente identificada com o sofrimento e a redenção do país. De maneira semelhante a Mann, a autora argumenta que

[...] ao tornar a Segunda Guerra Mundial o evento histórico central do século XX, Putin e seus apoiadores escolheram um evento de proporções místicas que sublinha a unidade e coerência da nação, dando a ela legitimidade e status como um poder mundial. Funciona precisamente como um mito deveria funcionar, criando um momento que é simultaneamente atemporal e ancorado no tempo, que envolve sofrimento e redenção, trauma e recuperação do trauma, criação da comunidade e um jeito narrativo de entender os desafios contínuos da Rússia⁵⁰.

Outro ponto que ainda vale ser ressaltado é que essa construção simbólica está também ancorada fortemente em uma perspectiva de gênero. Como a autora coloca, Putin continuamente se apresenta ora como um filho obediente, pronto para escutar os conselhos e

⁴⁷ KURILLA, Ivan. Reusing Soviet History Books: The Role of World War II in Russian Domestic Politics and Academia. *The Journal of Slavic Military Studies*, Philadelphia, v. 33, n. 4, mar. 2020, p. 503, tradução nossa.

⁴⁸ MANN, Yan. (Re)cycling the Collective Memory of the Great Patriotic War. *The Journal of Slavic Military Studies*, Philadelphia, v. 33, n. 4, mar. 2020, p. 512, tradução nossa.

⁴⁹ WOOD, Elizabeth. Performing Memory: Vladimir Putin and the Celebration of World War II in Russia. *The Soviet and Post-Soviet Review*, Leiden, v. 38, n. 02, jan. 2011.

⁵⁰ WOOD, Elizabeth. Performing Memory: Vladimir Putin and the Celebration of World War II in Russia. *The Soviet and Post-Soviet Review*, Leiden, v. 38, n. 02, jan. 2011, p. 174, tradução nossa.

atender os pedidos dos mais velhos, ora como um pai solícito e amoroso que trata seus cidadãos como seus próprios filhos, e ora como um líder viril que irá conduzir o país de volta a uma suposta glória⁵¹. Wood exemplifica bem isso ao citar o discurso que Putin realizou em fevereiro de 2000 no dia do Defensor da Pátria: “desde o nascimento todo garoto já é um futuro defensor da pátria-mãe [*Rodina*] e sabe que é assunto de homem [*muzhskoe delo*] defender a pátria-mãe, sua família e seus entes queridos”⁵². Nesse sentido, a guerra é apresentada então como “o último fenômeno sagrado”, e o dia da Vitória é apresentado tanto como uma “lição” como um “aviso”, de modo que caberia a Putin liderar a nação a relembrar seu passado e assim reforçar sua coesão interna.

Desse modo, Putin simultaneamente se coloca como sucessor e opositor da figura de Stalin, criando uma conexão com ele na medida em que assume seu papel de “pai da pátria” ao mesmo tempo que o critica em contextos internacionais⁵³. Assim, ele busca retomar o prestígio das instituições militares através da reabilitação de um suposto passado glorioso ao retomar ideais mais “másculos”, se colocando dessa forma como o líder natural da Rússia e defensor da pátria-mãe, representando tanto o heroísmo do passado como a glória do presente. Portanto,

A memorialização em si mesma se torna sagrada, não-política. Ao aumentar o campo da memória sacra, Putin e seus conselheiros do Kremlin imperceptivelmente minam o potencial para o conflito de ideias e posições que normalmente seriam chamadas de políticas. Porque a guerra é sagrada, não pode ser criticada. Porque a guerra é maior que a vida, qualquer outra preocupação parece insignificante⁵⁴.

Essa narrativa foi sendo cada vez mais radicalizada nos últimos anos não só pelos conflitos na região, mas também pelo reenquadramento histórico da guerra nos países do leste europeu. Como Kurilla aponta, no Ocidente a partir do final do século XX a centralidade da atuação dos países aliados gradativamente deu lugar à memória do holocausto nas pesquisas e produções científicas, e a partir dos anos 2000 os países bálticos passaram a interpretar a guerra como um conflito entre duas potências totalitárias, ambas igualmente terríveis. Essa interpretação foi resultado principalmente dos conflitos internos desses países na construção de uma identidade nacional dissociada do passado soviético, de forma a conciliar tanto os grupos

⁵¹ WOOD, Elizabeth. Performing Memory: Vladimir Putin and the Celebration of World War II in Russia. **The Soviet and Post-Soviet Review**, Leiden, v. 38, n. 02, jan. 2011.

⁵² WOOD, Elizabeth. Performing Memory: Vladimir Putin and the Celebration of World War II in Russia. **The Soviet and Post-Soviet Review**, Leiden, v. 38, n. 02, jan. 2011, p. 182, tradução nossa.

⁵³ WOOD, Elizabeth. Performing Memory: Vladimir Putin and the Celebration of World War II in Russia. **The Soviet and Post-Soviet Review**, Leiden, v. 38, n. 02, jan. 2011.

⁵⁴ WOOD, Elizabeth. Performing Memory: Vladimir Putin and the Celebration of World War II in Russia. **The Soviet and Post-Soviet Review**, Leiden, v. 38, n. 02, jan. 2011, p. 199, tradução nossa.

A MEMÓRIA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E SUAS IMPLICAÇÕES POLÍTICAS NA RÚSSIA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO

antissoviéticos como os pró soviéticos ao retratar ambos como vítimas coagidas por regimes autoritários⁵⁵. Por sua vez, a Rússia reagiu à emergência desse tipo de narrativa como um desafio à sua influência na região e passou a fomentar cada vez mais discursos dicotômicos de bem versus mal, pintando a vitória e a coragem em termos cada vez mais simplistas como características exclusivamente russas.

Nos países bálticos, essa disputa significou a proibição de símbolos comunistas na Letônia e na Lituânia, assim como o estabelecimento e financiamento de museus e institutos de pesquisa que visem a promoção da narrativa estatal⁵⁶. Em 2014, ano da crise e anexação da Crimeia à Rússia, o parlamento russo aprovou uma lei que criminalizava “a disseminação de informações sobre datas comemorativas militares e memoriais relacionadas à defesa da Rússia que são claramente desrespeitosas com a sociedade e a profanação pública de símbolos da glória militar russa”⁵⁷. Da mesma forma, a lei ainda “proibia a ‘criação artificial’ de evidência histórica”⁵⁸, ou seja, havia a presunção de uma “verdade histórica” definitiva que corresponderia à divulgada pelos historiadores aprovados pelo Kremlin. Enquanto isso, a União Europeia, adotando a posição da maioria dos países do Leste Europeu, aprovou uma resolução em 2019, aniversário de 80 anos do Pacto Molotov-Ribbentrop, denunciando toda a tradição comunista como uma ideologia intrinsecamente totalitária, equivalente ao regime nazista⁵⁹.

Essa disputa se tornou cada vez mais acirrada com a aproximação do 75º aniversário da vitória em 2020, momento em que o conflito entre a Rússia e a Ucrânia estava se agravando. Em fevereiro de 2020, Putin propôs uma emenda constitucional para “honrar a memória dos defensores da pátria e proteger a verdade histórica. Diminuir a significância do heroísmo do povo na defesa da pátria não é permitido”⁶⁰. Para Nikitina, o que está em jogo para a Rússia é uma chance de disputar

[...] um lugar na mesa onde as regras da ordem mundial são elaboradas. O Kremlin acredita que em 1991 a Rússia foi negada seu lugar de direito – como sucessor da União Soviética – na hierarquia mundial. Nos olhos das elites políticas russas, a crise nas relações com o Ocidente começou não em 2014,

⁵⁵ KURILLA, Ivan. Reusing Soviet History Books: The Role of World War II in Russian Domestic Politics and Academia. *The Journal of Slavic Military Studies*, Philadelphia, v. 33, n. 4, mar. 2020.

⁵⁶ MOROZOV, Viacheslav. Institutionalizing National Memories: The Baltic Sea Region and World War II. *The Journal of Slavic Military Studies*, Philadelphia, v. 33, n. 4, mar. 2020.

⁵⁷ KURILLA, Ivan. Reusing Soviet History Books: The Role of World War II in Russian Domestic Politics and Academia. *The Journal of Slavic Military Studies*, Philadelphia, v. 33, n. 4, mar. 2020, p. 505, tradução nossa.

⁵⁸ KURILLA, Ivan. Reusing Soviet History Books: The Role of World War II in Russian Domestic Politics and Academia. *The Journal of Slavic Military Studies*, Philadelphia, v. 33, n. 4, mar. 2020, p. 505, tradução nossa.

⁵⁹ MOROZOV, Viacheslav. Institutionalizing National Memories: The Baltic Sea Region and World War II. *The Journal of Slavic Military Studies*, Philadelphia, v. 33, n. 4, mar. 2020.

⁶⁰ KURILLA, Ivan. Reusing Soviet History Books: The Role of World War II in Russian Domestic Politics and Academia. *The Journal of Slavic Military Studies*, Philadelphia, v. 33, n. 4, mar. 2020, p. 505, tradução nossa.

mas tão cedo como 1991, quando o Ocidente se proclamou vencedor da Guerra Fria e então o criador da ordem mundial pós-bipolar⁶¹.

Nessa perspectiva, a memória da guerra seria uma forma simbólica de garantir seu status como potência mundial e legitimar seu poder tanto interna como externamente. Assim, “a fadiga popular [...] e a ausência de novas ideias levaram o regime a criar uma agenda artificial para ‘defender o passado sagrado’ dos desafios originados no exterior”⁶². Dessa forma, essas tentativas de revisão histórica e criação de ameaças estrangeiras que tentam “difamar” o passado e a bravura dos soldados russos, como já mencionado, intencionalmente mantêm e revigoram a imagem de Putin como líder vigoroso e defensor das tradições e valores russos⁶³. O problema, como bem aponta Morozov, é que não só na Rússia, mas em todos os países bálticos, essa narrativa estatal adquire então um *status* de verdade incontestável, enquanto pesquisas e estudos mais aprofundados sobre o tema que podem oferecer mais nuance para o fenômeno permanecem marginalizados⁶⁴.

Tanto Mann⁶⁵ como Wood⁶⁶ apontam que a reação popular a esse tipo de estratégia não é unânime e parece gradativamente menos eficaz, principalmente entre as gerações mais jovens que se mostram cada vez mais indiferentes ou críticas aos antigos ideais de heroísmo e patriotismo. Entretanto, Wood⁶⁷ argumenta que ainda que seja uma tendência de popularidade decrescente, há uma parcela significativa de jovens que aceitam acriticamente essa narrativa, como também demonstra o estudo de Bernstein sobre os memoriais digitais dedicados à memória dos veteranos⁶⁸. Financiados a um baixo custo pelo governo, as plataformas enfatizam principalmente as perdas familiares e visam a recuperação do prestígio que os usuários entendem que foi perdido pelos veteranos ao longo dos anos 1990, “apresentando uma narrativa

⁶¹ NIKITINA, Yulia. Past Memories, Future Memories: Race Against History. **The Journal of Slavic Military Studies**, Philadelphia, v. 33, n. 4, mar. 2020, p. 515, tradução nossa.

⁶² KURILLA, Ivan. Reusing Soviet History Books: The Role of World War II in Russian Domestic Politics and Academia. **The Journal of Slavic Military Studies**, Philadelphia, v. 33, n. 4, mar. 2020, p. 504, tradução nossa.

⁶³ KURILLA, Ivan. Reusing Soviet History Books: The Role of World War II in Russian Domestic Politics and Academia. **The Journal of Slavic Military Studies**, Philadelphia, v. 33, n. 4, mar. 2020.

⁶⁴ MOROZOV, Viacheslav. Institutionalizing National Memories: The Baltic Sea Region and World War II. **The Journal of Slavic Military Studies**, Philadelphia, v. 33, n. 4, mar. 2020.

⁶⁵ MANN, Yan. (Re)cycling the Collective Memory of the Great Patriotic War. **The Journal of Slavic Military Studies**, Philadelphia, v. 33, n. 4, mar. 2020.

⁶⁶ WOOD, Elizabeth. Performing Memory: Vladimir Putin and the Celebration of World War II in Russia. **The Soviet and Post-Soviet Review**, Leiden, v. 38, n. 02, jan. 2011.

⁶⁷ WOOD, Elizabeth. Performing Memory: Vladimir Putin and the Celebration of World War II in Russia. **The Soviet and Post-Soviet Review**, Leiden, v. 38, n. 02, jan. 2011.

⁶⁸ BERNSTEIN, Seth. Remembering war, remaining Soviet: Digital commemoration of World War II in Putin’s Russia. **Memory Studies**, [S.l.], v. 9, n. 4, jul. 2016.

A MEMÓRIA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E SUAS IMPLICAÇÕES POLÍTICAS NA RÚSSIA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO

tradicional que uma grande parcela da população russa e parte da população em estados pós-soviéticos, como a Ucrânia, pode apoiar”⁶⁹.

Ainda que a *internet* e as mídias digitais tenham dificultado a centralização de uma única narrativa coesa para toda a população, o que Bernstein observa é que os usuários das plataformas em questão, que são organizadas por fóruns, em grande parte ainda se conformam às narrativas existentes propagadas pelo Estado, e há pouco espaço para discussão crítica sobre esses temas⁷⁰. Entretanto, Morozov apresenta uma visão um pouco mais otimista: o autor menciona que ainda que em alguma medida se conformem às narrativas estatais, essas comunidades de memória se desenvolvem paralelamente à censura ideológica, criando sua própria cultura de rememoração enfatizando seu aspecto familiar e local, e tem potencial para promover interpretações vastamente diferentes das memórias “oficiais”⁷¹.

86

Considerações finais

Mediante tudo o que foi exposto, é evidente que a memória da Segunda Guerra ainda ocupa um papel importante na política dos países bálticos, principalmente da Rússia. Dessa forma, através de uma visão romantizada e heroicizada do passado, o Estado procura justificar simbólica e ideologicamente sua política agressiva e conservadora, tanto interna como externa. Assim, faz-se necessária uma visão crítica a respeito desse tipo de narrativa, com o intuito de fomentar o debate e oferecer uma perspectiva mais democrática e com mais nuance sobre os acontecimentos em questão.

Por isso, uma análise crítica sobre a Segunda Guerra Mundial é importante não só pelo seu impacto na historiografia, mas também pelas funções políticas que a memória dela exerceu e continua exercendo. Assim, o recorte de gênero também se faz particularmente relevante porque coloca em xeque essa versão higienizada e revisada do fenômeno. Desse modo, é preciso reconhecer o papel que a memória e o gênero exercem na legitimação do discurso de poder russo contemporâneo, porque em última análise o que está em disputa é um determinado tipo de narrativa que privilegia um determinado sujeito e uma determinada visão de mundo que tem se provado desastrosa.

⁶⁹ BERNSTEIN, Seth. Remembering war, remaining Soviet: Digital commemoration of World War II in Putin’s Russia. *Memory Studies*, [S.l.], v. 9, n. 4, jul. 2016, p. 423, tradução nossa.

⁷⁰ BERNSTEIN, Seth. Remembering war, remaining Soviet: Digital commemoration of World War II in Putin’s Russia. *Memory Studies*, [S.l.], v. 9, n. 4, jul. 2016.

⁷¹ MOROZOV, Viacheslav. Institutionalizing National Memories: The Baltic Sea Region and World War II. *The Journal of Slavic Military Studies*, Philadelphia, v. 33, n. 4, mar. 2020.